

# Brasileiros no Canadá: ruptura ou continuidade?

Zelia Frances Shervier

*Resumo:* o pós-internacionalismo como tendência nas Relações Internacionais baseia-se nas forças de mudança e de continuidade em um mundo interdependente, produzido por grande complexidade, onde predominam tanto a cooperação quanto o conflito, a ordem e a desordem. Na perspectiva de Rosenau, os novos desafios das relações internacionais é o estabelecimento da ordem. A cooperação é possível? Após superar as barreiras de acesso a um mundo mais “ordenado”, grupos de imigrantes brasileiros se organizam em Toronto, buscando novas formas de apoio civil, o que vem reforçar a “governança pluralística”. Este ensaio é uma tentativa de discutir a migração de brasileiros para o Canadá na perspectiva de continuidade e cooperação no meio internacional.

*Abstract:* Post-internationalism, as a trend in International Relations, is based on forces of change and continuity in an interdependent world that is the result of great complexity where both cooperation and conflict, order and disorder prevail. According to Rosenau, the new challenge for international relations is to implement the order. Is cooperation possible? After overcoming access barriers to a more orderly world, Brazilian immigrant groups are organizing themselves in Toronto and looking for new forms of civil support, which reinforces the “pluralistic governance”. This essay is as attempt to discuss Brazilian immigration to Canada from the perspective of continuity and cooperation in the international scene.

## Introdução

Na última década, tem havido no Brasil pesquisa substancial sobre os migrantes internacionais brasileiros. Especialmente de cunho antropológico, numa visão de dentro do processo de imersão, de socialização dos brasileiros nos países de destino, como nos trabalhos de SALLES, 1999; RIBEIRO, 1992; FLEICHER, 2000; MENEZES, 2002, que têm focado o processo de adaptação, a educação da segunda geração de migrantes e a inserção ocupacional de brasileiros especialmente nos Estados Unidos e no Japão.

São raros os trabalhos sobre os brasileiros no Canadá. No trabalho de Goza, sobre a imigração de brasileiros em Ontário, o autor afirma que, inicialmente, o Canadá era ponte para os brasileiros acessarem os Estados Unidos, principalmente porque, até 1987, os brasileiros não necessitavam de visto para entrarem no País. Como provedor de trabalho bem remunerado e livre de discriminação, o Canadá passa a ser, nos anos 90, do século XX, destino de uma emergente comunidade brasileira indocumentada (GOZA F., 1999: 767). O que não significa ausência de educação formal e informação por parte desse grupo étnico.

Para Portes e Rimbaut, não é espantoso que a maior parte dos imigrantes, mesmo os não-documentados, tenham alguma educação e venham de cidades onde esses grupos são mais próximos de um estilo de vida e consumo emanados de um mundo mais desenvolvido, “educated and skilled workers and small farmers are generally better informed about employment opportunities abroad than the illiterate and the destitute” (1990:13).

Nosso objetivo neste ensaio é discutir a migração internacional de brasileiros sob o prisma das Relações Internacionais em que o movimento das pessoas no espaço transfronteira é analisado a partir da cultura da segurança internacional em trabalhos como os de BUZAN, 1993; WERNER, 1985/1996; MOLER, 2000. No marco da segurança, não há dúvida de que o movimento das pessoas se constitui uma ameaça para a segurança na agenda atual dos governos, por dois motivos: a) por questões políticas, que fazem chegar ao extremo do terrorismo e b) por questões de ordem econômica, uma vez que um fluxo maior de pessoas pode causar instabilidade devido ao desequilíbrio entre oferta e demanda por ocupações no país que recebe. Hoje, a segurança comum envolve o controle das fronteiras, a emissão de vistos e uma política mais restritiva quanto ao migrante econômico em todo o mundo

desenvolvido<sup>1</sup>. Apesar de haver, em alguns períodos ou regiões, políticas estatais favoráveis aos migrantes residentes — como na Europa Central, em que, nos anos 80 e 90, do século passado, houve uma ampliação dos direitos para os migrantes residentes (SASSEN, 1999: 117).

Tais tendências têm priorizado o papel do Estado como principal regulador do fluxo de pessoas, sendo, portanto, uma visão estatocêntrica. Nossa análise parte da realidade “multicêntrica” de Rosenau pela qual os indivíduos capacitados emergem como atores mediante a formação de “subgrupos” identificados por sentimentos comuns, que, uma vez organizados de forma nacional e supranacional, também contribuem para a erosão do Estadocêntrico (ROSENAU e DURFFE, 2000).

Portanto caberia perguntar como os indivíduos — e, nesse caso, os migrantes internacionais, — contribuiriam para a erosão ou a aproximação do espaço político transnacional. Com este trabalho pretendemos iniciar a busca de respostas sobre parte dessa questão, ou seja: Como é possível a cooperação no processo migratório visto, na perspectiva dos países recebedores, como ameaçador? Em outras palavras, de que forma haveria uma aproximação ou cooperação na inserção dos brasileiros no Canadá? Ao buscar entender a organização espontânea dos brasileiros em Toronto, estamos pontuando a existência do que alguns autores — como LABAN, 2000; HELD, 1999; os próprios ROSENAU e DURFFE—qualificam como o processo mais ubíquo da globalização, que nada mais é que a articulação individual no contexto global.

Partiremos da dinâmica de ruptura e continuidade contidas no argumento do “pós-internacionalismo” de Rosenau e Durffe para compreendermos a inserção de brasileiros numa perspectiva política. Posteriormente, agregaremos ao conceito “mobilidade *upheaval*” (dos autores) o momento de ruptura e conflito. Ao conceito de “subgrupismo” (dos autores) agregaremos a cooperação como processo central para a construção da cidadania buscada pelos imigrantes no novo ambiente.

---

<sup>1</sup> Ver o encontro de Sevilla, em março de 2002 onde foi predominante, na agenda dos Chefes de Estados da Comunidade Europeia, a criação de normas comuns para as fronteiras no espaço Schengen.

## O Pós-internacionalismo

Os anos 90, do século XX, foram definitivos para uma nova visão do sistema internacional, uma década iniciada com a queda do Muro de Berlim e finalizada com pressões contra a globalização nas ruas de Seattle. Quem melhor “explorou” essas grandes transformações mundiais, marcadas em 2001 pelo 11S, foi James-N. Rosenau, que publica com Durfee, em 2000, o artigo: “Post internationalism in a turbulent world”. O *pós-internacionalismo*<sup>2</sup> seria uma crítica ao mundo estato-cêntrico e a visão eminentemente realista de analisar as relações internacionais.

Segundo os autores, o pós-internacionalismo é um paradigma que se apóia nos pressupostos de “acelerada mudança” e “profunda complexidade” como principal tendência no mundo político, onde ocorre alto grau de conflito e cooperação entre os diversos atores (ROSENAU and DURFFE, 2000:47-75).

O pós-internacionalismo político é explicado a partir de um modelo de turbulência<sup>3</sup> global, em um mundo com alto grau de incerteza, interdependência e volatilidade em três parâmetros de tomada de decisões: macro; macro-micro e micro parâmetros, em que os atores, que se encontram nesses níveis, ainda não têm claros seus papéis, suas direções, sendo marcantes as tensões entre as tendências rumo à integração, globalização e centralização, de um lado, e, de outro, uma forçada fragmentação, localização e descentralização (Ibidem: 50-51).

Para Rosenau e Durfee, em nível macro, ou maior no sistema, o Estado continua a ter o papel preponderante, sendo o administrador dos interesses nacionais frente ao mercado global. Seguindo como o que, ainda, tem a capacidade de pôr a balança de poder em equilíbrio.

Em nível macro-micro, onde se situam as organizações que fazem a ponte entre os indivíduos e o Estado, são as microunidades organizadas, como por exemplo, as Organizações Não-

---

<sup>2</sup> Ver ainda: HOBBS, 2000.

<sup>3</sup> Em Pos-Internationalism in a Turbulent World, os autores esclarecem a dinâmica da microunidade em um modelo mundial de turbulência, que ocorre pela evolução das capacidades de compreensão analítica, para saber quando agregar seu comportamento em busca de um resultado coletivo significativo, ou para optar por um estilo de vida alternativo, ou, ainda, para entender como um acontecimento no mundo pode afetá-los, como e quando participar em uma ação coletiva. ( ROSENAU e DURFFE, 2000: 57).

Governamentais. Rosenau afirma que há uma crise de “legitimidade” e de “autoridade”, uma vez que o Estado não tem conseguido implementar políticas para solucionar problemas, fazendo com que os indivíduos direcionem suas lealdades àquelas organizações.

O nível micro seria constituído pela agregação individual em torno de objetivos ou interesses comuns, podendo emergir, de acordo com as capacidades individuais, como atores multicêntricos mediante a formação dos “subgrupos”.

Quando os três níveis atuam de forma interdependente e volátil no estágio global, o mundo político é visto como estando em turbulência global. Assim, entendemos ser necessário retomar o debate sobre a globalização e entender onde se encontrava o pensamento de Rosenau:

*-Globalização e localização são analisadas como faces de uma mesma moeda. Para o autor, a globalização, através da tecnologia, tem tornado as fronteiras entre as comunidades nacionais e internacionais mais porosas<sup>4</sup> (ROSENAU, 1997: 78). Citando Petrella<sup>5</sup>, afirma que o que distingue o processo globalizante é que ele não é impedido por barreiras territoriais ou jurisdicionais [...] e consiste daquelas forças que impelem indivíduos, grupos, sociedades, governos e instituições a se engajarem em formas de comportamento similares em processos ou sistemas. (Ibidem:80).*

Sintetizando Rosenau, poderíamos dizer que a globalização é a erosão da fronteira territorial, mediante a porosidade causada pela aproximação do meio doméstico com as fronteiras econômica e/ou política externas devido ao desenvolvimento tecnológico.

Para Held, “globalization may be thought of initially as the widening, deeping and speeding up of worldwide

---

<sup>4</sup> Para Rosenau, “o estudo das relações transnacionais foca sobre relações entre estados e entre estados e entidades não-governamentais”, o que permite perguntar como organizações governamentais e não-governamentais buscam, independente e interativamente, realizar seus objetivos e superar os desafios que enfrentam (1980:02)

<sup>5</sup> PETRELLA Riccardo: *Globalization and Internationalization: the Dynamics of the Emerging World Order*~ In: BOYERAND Robert and DRACHE Daniel (Eds). *States Against Markets: the Limits of Globalization*. London: Routledge, 1996.

interconnectedness in all aspects of contemporary social life”(2000: 02).

O autor estabelece o debate sobre as três escolas de pensamento: os hiperglobalizados, os céticos e os transformacionistas. Rosenau, ao lado de Guiddens, se encontra na terceira tendência, em que a globalização é vista como um processo histórico, pontuado por contradições e moldado por fatores conjunturais. Para os “transformacionalistas”, a globalização é associada com a emergência de uma poderosa forma não-territorial de poder econômico e político de organização no domínio global, como as corporações multinacionais, os movimentos transnacionais sociais e as agências regulatórias internacionais. Para Held, uma das formas presentes da globalização é a migração humana, com a movimentação de pessoas e sua temporária ou permanente relocação (2000:289).

Discutindo “globalização”, alguns autores salientam o caráter excludente e discriminador da economia global. Santos se refere a esse processo de exclusão e inclusão como “fascismo societal”<sup>6</sup>, que deixa à margem do desenvolvimento milhões de pessoas, que vivem em um constante caos de expectativas, “in wich the most trivial act may be with the most dramatic consequences” (SANTOS, 2001: 187).

Para Santos, não apenas o Estado, mas também as relações sociais locais, nacionais e internacionais podem ser fascistas. Para o autor, a globalização é um processo que encontra, em seu oposto, a localização, com a diferença de que a globalização hegemônica é a história dos vencedores e integra os países ou grupos por exclusão ou por inclusão. Se a globalização provoca exclusão, a migração humana pode ser entendida como busca de participação e pertencimento, o que pode provocar conflitos.

Trabalhando questões de cidadania e migração, Laban (2000: 516) afirma que a cidadania não é facilmente escolhida nem facilmente adquirida. Ao lado de Laban, entendemos que a busca da igualdade, por meio de outro pertencimento, também provoca desigualdade. Falando sobre línguas estrangeiras e diversidade cultural, Mór relata a fala de Roger Simon, professor da Universidade de Toronto, para quem “o principal conflito da diversidade vem a ser o da exclusão” (MÓR, 2002:151). Portanto podemos entender a migração internacional, hoje, como busca de uma cidadania inclusiva, que pode conter muitas formas de ruptura

---

<sup>6</sup> Compreendemos melhor essa expressão quando Santos pontua que grande parte da população se mantém fora dos contratos sociais (2001:186).

<sup>7</sup> Entendemos “cidadania inclusiva” como busca de pertencimento global, por meio da supracção de desigualdades impostas pelo processo econômico e político estrutural.

e de cooperação, o que, em nível macro, dinamiza as relações globais, podendo provocar incertezas ou instabilidades internas e externas, contribuindo, portanto, para o enfraquecimento do recorrente “modelo internacional” de análise dessa realidade.

Rosenau e Durfee apontam como fontes da “turbulência global” e, portanto, de um mundo pós-internacional: a proliferação de atores, o impacto das tecnologias dinâmicas, a globalização das economias nacionais, a interdependência, o enfraquecimento dos Estados e a reestruturação das lealdades, bem como o aumento da pobreza no Terceiro Mundo (op. cit. p. 61-74). Além desses recursos, haveria, ainda, o “subgrupismo” e a “mobilidade forçada”, que passam, em seguida, a ser chaves para a compreensão da dinâmica dos brasileiros em Toronto.

## O conflito

Entendemos como momento de conflito a *ruptura* ou a descontinuidade na ação dos indivíduos de atravessar a fronteira territorial e política com o objetivo de permanecerem em outro país. Em outras palavras, com o objetivo de quebrar a adesão ou a lealdade ao sistema constituído por uma sociedade delimitada pelos valores nacionais, em direção a outro pertencimento ou conjunto de valores contidos em outro território, que, do ponto de vista *realista*, pode ser extremamente conflitivo, uma vez que é uma forma de fragmentação para o país de origem e uma ameaça para o país recebedor.

Em geral, os indivíduos se referem a si mesmos como originários de um espaço geográfico, territorial, o que, no entanto, pode ser visto por Rosenau como obsoleto. O autor, não excluindo a importância do papel do Estado na discussão sobre as dinâmicas de globalização e localização para a segurança, afirma que a frangemegração<sup>8</sup> implica profundas consequências para a segurança de indivíduos, sociedades, estado e o sistema global (ROSENAU, 1994: 25 6-257). A experiência de transpor a fronteira é citada por

---

<sup>8</sup> Rosenau define “frangemegração” como processo de interação entre fragmentação e integração, que, quando considerados na perspectiva econômica, social ou política, “are increasingly obsolete and encouraging the formation of new boundaries that have yet to settle into fixed and enduring structures” (1994:268).

Cliford como produtora de poderosa visão política e de projeção da esfera pública multicultural<sup>9</sup>.

Podemos agregar à ruptura o conceito de mobilidade *upheaval* como movimento em que os indivíduos transcendem as fronteiras nacionais para longa permanência. Nesse processo, encontram-se variadas situações que promovem a turbulência global, caracterizada pela densa mobilidade das pessoas que vai de “business to professional travel, from tourism to terrorism, from political asylum to the search for jobs, from legal to ilegal migration” (ROSENAU e DURFEE op. cit: 72).

Essa mobilidade causa, segundo os autores, a *desterritorialização*, que é a diminuição de afinidade para um espaço geográfico determinado, e a *reterritorialização*, como processo pelo qual os migrantes convergem em vizinhança, publicam seus próprios jornais, abrem seus restaurantes. Mas vemos essa reterritorialização como podendo ser sutilmente conflitiva<sup>10,0</sup>. O que poderia ser, nas palavras de Clifford o “cosmopolitanismo discrepante”, uma vez que “cada cultura de deslocamento é inseparável de uma específica, freqüentemente violenta, história de interação cultural, econômica e política”(1997:36).

## A continuidade

A *continuidade*, no pensamento pós-internacionalista, seria a busca da autoridade, que faz com que os indivíduos redirecionem seu apoio aos “grupos subnacionais”, denominado por Rosenau e Durfee como movimento “*downward*”, que se caracteriza como sendo o sentimento de legitimidade, como àqueles voltados às minorias étnicas, governos locais e assim por diante. O movimento “*downward*” seria caracterizado, ainda, segundo os autores, concretamente pelo “subgrupismo”, que se estabelece pelas afinidades que as pessoas desenvolvem junto às associações, organizações e subculturas, com as quais eles são social, política, profissional ou economicamente ligados (op. cit. p: 71).

Entendemos que a continuidade buscada por intermédio de

---

<sup>9</sup> FLORES e YUDICE, 1990, citados por CLIFORD, 1997: 37.

<sup>10</sup> Presenciamos, em uma frutaria na rua Dundas, em Toronto, uma brasileira dizer junto à vendedora chinesa, “temos que falar em português para ela aprender [...] a maioria de seus clientes falam português. Já ensinamos para o vendedor de uma loja lá embaixo”. (dia 31 de dezembro de 2002, na *Fruits and Flowers*).



uma agregação voluntária é uma forma de cooperação dos indivíduos no meio internacional, que ocorre devido à busca de referenciais ou afinidades históricas, geográficas e culturais, como estratégia de sedimentar um espaço coletivo comum e menos ameaçador e que amplia o espaço de “governança pluralística”.

O que agrega são os sentimentos de reconhecimento e de objetivos comuns, que consideramos aqui, como resultado de uma busca de “continuidade” do grupo ou nas palavras de Clifford, a “memória coletiva” (CLIFFORD, 1997: 45). Esses grupos, segundo Rosenau, quando organizados de forma nacional e supranacional, também contribuem para a erosão da soberania do Estado-cêntrico. Sendo que a “governança descentralizada” tende a reforçar medidas de cooperação global mediante normas compartilhadas para formas de governança sem governo. (ROSENAU, 1992: 294). Desse modo, nossa perspectiva de cooperação como continuidade, pela agregação de grupos em torno de interesses comuns, pode ser entendida como forma de “governança pluralística”, que pontuamos em seguida.

## Governança sem governo: quando os subgrupos cooperam

Falar em governança no contexto da migração internacional significa tratar de: a) de como o país receptor governa os subgrupos; e b) como esses subgrupos cooperam na “ausência” de um governo. É interessante observar que os dois lados — o Estado e os subgrupos — exercem governança, uma vez que podemos entender governança como

*“... activities backed by shared goals that may or may not derive from legal and formally prescribed responsibilities and that do not necessarily rely on police powers to overcome defiance and attain compliance... it embraces governmental institutions, but it also subsumes informal, non-governmental mechanisms whereby those persons and organizations within its purview more ahead, satisfy their needs, and fulfill theirs wants” (ROSENAU, 1992: 4).*

Em relação ao Estado, a forma de governo concernente aos subgrupos pode revelar uma tipologia. Sorensen, falando sobre as mudanças no Estado, pontua três tipos: o Estado *pós-colonial*, em que as elites desagregadas da população perseguem seus próprios

objetivos; o Estado *moderno* que é forte, com alto nível de adesão, e a proteção da vida humana é questão central da segurança; e o Estado *pós-moderno*, em que são assegurados os valores dos subgrupos, havendo, ao mesmo tempo, a presença de fortes sentimentos de valores globais (SORENSEN, 2001:133). Podemos perceber o Canadá, portanto, como constituindo um Estado pós-moderno, como uma sociedade que respeita e reconhece o direito dos *travelers* ou, ainda, dos *migrantes temporais* de serem autônomos e cosmopolitas<sup>11</sup>. Mantendo, ainda uma governança sem que haja conflitos entre os subgrupos.

Nessa direção, Whitman (2002) observa que a literatura sobre governança<sup>12</sup> tem dado pouca atenção a autores e mecanismos além do exercício do poder fora do compasso do Estado. Ele afirma que “although we can theorize meaningfully between government and governance within states, it is far from plain that global governance is something that can be shaped, controlled, adjusted” (Whitman, 2002:49).

Nesse sentido, é relevante entendermos como a organização dos brasileiros pode exercer uma “governança pluralística” ou como estes exercem uma “governança sem governo”, uma vez que não há mais a ameaça de um ambiente hobbsiano (deixaram o estado de violência para trás). Por outro lado, é presente, conforme pontuamos, o sentimento de ameaça no novo meio social o que Rosenau e Durfee apontam como sendo o lado negativo da mobilidade forçada que seria “subcultura contra subcultura” (2000: 73).

Por outro lado, os arranjos sociais, na ausência do poder de Estado, com base na origem étnica não perpetuam a exclusão? Segundo Rosenau, o agrupamento em torno de grupos fragmentados, ou de uma dinâmica fragmentativa, força o estreitamento de horizontes mediante a adesão às redes subculturais, o que engendra conflitos nas comunidades estabelecidas (1994: 259). No caso dos brasileiros, percebemos que, de um lado, se inserem junto à comunidade portuguesa, que é maior numericamente

---

<sup>11</sup> Clifford( 1997) discute o Conceito de *travelers* de um ponto de vista neo-burguês ou neocolonial.

<sup>12</sup> Governança, de acordo com a Comissão de Governança Global, já é entendido como “the sum of the many ways individuals and institutions, public and private, manage their common affairs [...] at the global level, governance has been viewed primarily as intergovernmental relationships, but it must now be understood as also involving no governmental organizations, citizens’ movements, multinational corporations and the global capital market” (Our Global Neighbourhood,1995: 13-35).

e com o qual têm grandes afinidades. Por outro lado, podem se sentir ameaçados por outros grupos étnicos maiores numericamente e temporariamente mais estabelecidos. A tensão pode ser entendida pelo fato de que, em Toronto, cada grupo étnico tem seu espaço demarcado territorialmente.

No entanto entendemos que no “subgrupismo”, o território pode, ainda, ser substituído pela “ideologia cultural” em que são possíveis vários pertencimentos. Para Rosenau, há a possibilidade de um pertencimento voluntário, que é a busca de proteção e segurança providos pelo Estado por um estreito conjunto de valores (1997: 277).

De acordo com Rosenau:

*“having been for so long mired in the preceptions of territoriality, we simply have no guidelines for proceeding to comprehend how the habits of peoples and the impulses of organizations will respond to conditions in which the spatial, temporal, and functional foundations of global life are undergoing turbulent transformations” (1994:270).*

Uma das formas de compreender essa realidade multicêntrica, baseia-se no conhecimento das organizações dos grupos étnicos enquanto entidades civis. Para Scholte (2002), as associações cívicas podem prover plataformas para avançar as áreas sociais, aumentar a transparência, promover responsividade e legitimidade democrática das regras que governam as relações globais. Para a autora, a sociedade civil é um suplemento vital antes que um substituto do processo político formal. Para isso, muitas vezes, é necessário passar por processos políticos formais, que, segundo Halevy (2002) são sempre liderados por uma elite<sup>13</sup> que busca “responsividade” para suas ações.

Para Halevy, o público mais fraco (sem poder de barganha)— como os trabalhadores, especialmente temporários e “*part-time*”, ou *grupos étnicos* desprivilegiados — necessita de elites para representar seus interesses ou estará em mais desvantagem. Portanto, sem que esses grupos estejam representados na arena política, não pode haver democracia. No caso dos subgrupos, na maioria das vezes ilegais ou asilados e sem representatividade política, eles têm como recurso a cooperação espontânea.

Em um encontro de brasileiros no *basement*, após a missa, na

---

<sup>13</sup> Elite é um conjunto de pessoas em posição de poder para moldar ou influenciar politicamente (HALEVY, 2002: 204).

igreja Santo Antônio, uma entrevistada, quando perguntada sobre quem coordenava aquela reunião, respondeu que qualquer pessoa tomava a iniciativa. Portanto não havia uma coordenação, uma delegação das atividades, um governo, mas um forte sentimento de pertencimento ou lealdade. Acreditamos que era essa a preocupação de Rosenau quando tratou de “governança sem governo”. Nesse sentido, “governo de estado” passa a ser um simples complemento da cidadania localizada. Mas pensamos que isso só é possível num “Estado pós-moderno”, em que o Estado já supriu as necessidades básicas dos indivíduos e, ainda, permite a criação do que poderíamos chamar de novos arranjos sociais, ou seja, liberdade para a realização de ideais de cidadania. Apesar de haver barreiras internas para a realização desses ideais. Uma entrevistada do Grupo Brasil, falando sobre ascensão social no Canadá, afirmou que dificilmente os brasileiros conseguem trabalho de “alto nível [...] aqui, os cargos do governo ou da elite são destinados à ‘elite inglesa’.”

## As organizações brasileiras em Toronto

Identificamos basicamente três organizações civis em Toronto: “Grupo Brasil”, identificado como Associação de Brasileiros de Ontário; o “Grupo Samambaia” e o grupo “Santo Antônio”. Esses grupos têm em comum o objetivo de ser referência para os brasileiros que chegam, dando-lhes informações e a oportunidade de um momento de encontro em que se discutem necessidades, se fornecem aconselhamento sobre os procedimentos para migração legal, interesses do grupo e acontecimentos no Brasil. Passamos, a seguir, a uma identificação sumária das organizações.

### O “Grupo Santo Antônio”

Chamamos “Grupo Santo Antônio” o grupo de brasileiros que se organizam em torno da Igreja Santo Antônio, fundada em 1910 por João Batista Escalabrini. Trata-se de uma igreja multicultural, que atende filipinos, italianos, portugueses e brasileiros e se localiza na rua Bloor, esquina com a Rusholme Road, em Toronto. O padre brasileiro Sérgio Dall’Agnese iniciou, nos anos 80, a celebração de missa todos os domingos para os brasileiros. A igreja se tornou encontro dos brasileiros para troca de informações. Há, em cada missa, uma participação estimada de 200 brasileiros e alguns

portugueses.

Essa igreja é parte da congregação Scalabrini, que busca apoiar os imigrantes, provendo-os com informações sobre trabalho, alimentos, moradia e outros assuntos necessários à inserção do imigrante estrangeiro, inclusive designando-lhe um conselheiro para assuntos de migração. Segundo o Padre Robson Weber, a igreja “intermedia qualquer problema com os imigrantes”. Em geral, estes têm algum receio em receber apoio do consulado, uma vez que estão em situação irregular. Um dos problemas dos brasileiros, segundo o Padre Robson, é que, depois de um tempo no Canadá, não conseguem se integrar de volta ao Brasil e, aqui, (no Canadá) já perderam suas referências.

## O “Grupo Samambaia”

Neste grupo, os interesses são mais voltados para atividades sociais e de confraternização, partindo a idéia do Clube de um encontro social na Câmara de Comércio Brasil-Canadá. Intitulam-se “Clube Samambaia”, fundado, em setembro 1988<sup>14</sup>, no restaurante “Copacabana” por duas brasileiras e, à época, a Consulesa do Brasil em Toronto. Os objetivos do Clube eram a “amizade e a confraternização”, por, de acordo com Williams, “se sentirem isolados e com uma grande carência afetiva por coisas do Brasil”.

O Clube foi pioneiro na publicação do primeiro boletim para a comunidade brasileira em Toronto e em receber visitantes do Brasil como o Senador Mário Covas, então candidato à Presidência da República. Por iniciativa deste Grupo, foi implementado o curso de português no Toronto Board of Education.

## O “Grupo Brasil”

O Grupo Brasil foi criado, em 1983, como uma organização que tinha como objetivo a promoção da cultura brasileira e que contava com apoio do Governo canadense, para efeitos de desconto em impostos de doadores. Em 1994, cria-se o BrasilNet, para tornar conhecida a rede dos profissionais brasileiros no Canadá. Após estudos e reuniões, as diretorias do BrasilNet e do Grupo Brasil decidiram unir as duas organizações, que passaram a constituir a Associação de Brasileiros em Ontário. Como associação, o Grupo

---

<sup>14</sup> Conforme texto redigido por Lúcia Albuquerque.

redireciona suas atividades para a comunidade brasileira em Toronto. Assim, em 10 de julho de 2002, o Grupo Brasil e o Brasilnet passam a atuar social e culturalmente, obtendo maior apoio financeiro do Governo e de empresas.

Essa associação pretende ser um “guarda-chuva” para as iniciativas dos brasileiros e, para isso, conta com uma direção e com a contribuição de seus associados. É considerada não-governamental, legal, podendo receber apoio financeiro para atividades culturais. O que pretende é criar a Casa do Brasil de Ontário, dar apoio para os imigrantes e promover projetos de iniciativa de brasileiros.

## Algumas conclusões

Nossas conclusões não são definitivas, uma vez que será necessário aprofundar questões em uma agenda de pesquisa futura. Por ora, podemos observar que os imigrantes econômicos buscam uma cidadania inclusiva, contra a estrutura excludente da globalização, o que pode gerar uma situação de incerteza causada, em grande medida, pelos conflitos de interesses entre os indivíduos e o Estado recebedor, pois nem todos conseguirão ser permanentes<sup>15</sup>.

Para conseguir a inclusão, muitas vezes, os brasileiros têm optado por se estabelecer ilegalmente no Canadá ou na condição de refugiados. Isso reforça o processo de ruptura e descontinuidade caracterizado pela saída do Brasil, buscando a inserção voluntária à cultura canadense.

Podemos dizer que os brasileiros em Toronto mediante apoio individual ou grupal, cooperam, dando continuidade a seus valores sociais, o que vem a reforçar o “subgrupismo”. Nessa agregação espontânea, buscam uma forma de superação das dificuldades ou conflitos encontrados na descontinuidade territorial, econômica e política, o que não é fácil, uma vez que a sociedade canadense é segmentada por padrões étnicos.

Observamos as articulações individuais em tomo das organizações, aqui identificadas como processo de cooperação, tentativa de preservar a permanência no Canadá, bem como a

---

<sup>15</sup> Segundo o Censo de 2001, é insuficiente o número de especialistas em saúde frente a crescente idade dos profissionais atuais; mas deverão continuar as restrições quanto à entrada de imigrantes nessa área. (Fonte: *Toronto Star*. Wednesday, February, 12, 2003. “The Census”, p. 1SA.

continuidade das referências culturais. Por outro lado, há a preocupação de ameaças quanto à situação ilegal dos indivíduos mesmo dentro dos grupos.

Os grupos de brasileiros identificados possibilitam a continuidade de um espaço social transacional, que pode ser percebido como forma de “governança sem governo”, o que garante a proteção, na ausência do Estado, no caso dos ilegais.

Ao mesmo tempo, esses grupos não têm como objetivo explícito participar em uma governança global. Antes, seus interesses são localizados. Todavia isso não significa que não sejam apoiadores de uma forma de governança. Na medida em que são redes de apoio social e político local, são garantidores e aglutinadores dos interesses dos indivíduos, constituindo-se “entidades” que organizam aqueles interesses e diminuem a possibilidade de conflitos dos indivíduos entre si, com indivíduos de outros grupos étnicos e, mesmo, com o Estado.

Como grupos organizados localmente, entendemo-los como microunidades, de acordo com o pós-internacionalismo. Uma vez que façam ponte entre os interesses localizados e a estrutura internacional, por intermédio de organizações internacionais ou intergovernamentais, poderemos considerá-los como micro-macro unidades no sistema.

As organizações de brasileiros em Toronto podem ser vistas, finalmente, como redes de informação econômica e política, que dinamizam as suas relações junto ao Governo do Canadá e do Brasil ao mesmo tempo que aproximam as fronteiras políticas dos dois países.

## Referências bibliográficas

ABU-LABAN, Y. *Reconstructing an Inclusive Citizenship for a New Millenium: Globalization, Migration and Diference. International Politics*: 37: 509-526. December, 2000.

CLLFFORD, James. *Routes: Travei and Translation in the Late Twuentieth Century*. Harvard U. Press.1997.

HALEVY, Eva Etzioni. *Linkage Deficits in Transnacional Politics. Internacional Political Science Review*.V.23,N.2,203- 222,2002.

GOZA, Franklin. *Brazilian Immigration to Ont rio. Internacional Migration Review*. V. 37 (4), 1999.

HELD, David; MCGREW A.; GOLDBLATT, David; PERRATON, Jonathan. *Global Transformations: Politics, Economics and*

*Culture*. Polity Press.U.K. 2000.

HOBBS, H. *Pondering Post Internationalism: A Paradigm for the Twenty-first Century?* Series SUNNY. New York Press, 2000.

MENEZES, G.H. de Sousa. *Filhos da imigração: sobre a segunda geração de imigrantes brasileiros nos EUA*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2002.

MICHELL,C. *International Migration, International Relations and Foreign Policy*, *International Migration Review (IMR)*, 23 :681-708. 1989.

MOLLER, B. *The Concept of Security: The Pros and Cons of Expansion and Contraction*. Workink Papers. Copenhagen: Centre for Peace and Conflict Research, 2000.

MONTE MÓR, W. *Língua e diversidade cultural nas Américas multiculturais. Interfaces Brasil/Canadá*. Revista da ABECAN, UFRGS, v.1, n.2, 2002.

PORTES, Alejandro; RUMBAUD, G. Rubén. *Immigrant America: A Portrait*. University of California Press. Berkeley/Los Angeles: Oxford, 1990.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Bichos de obra: fragmentação e reconstrução de identidades*. Revista Brasileira de Ciências Sociais n.18, ano 7, 1992.

ROSENAU, J.N.; DURFEE, M. Posinternationalism in a Turbulent World. *Thinking Theory thoroughly*. Westview Press, 2000.

\_\_\_\_\_. *Along the Domestic-Foreign Frontier: Exploring Governance in a Turbulent World*. Cambridge University Press, UK, 1997.

\_\_\_\_\_. *New Dimensions of Security: The Interaction of Globalizing and Localizing Dynamics*. *Security Dialogue: 25:3,255-81*, 1994.

“and Hylke Tromp. *Interdependence and Conflict in World Politics*. Gower Publishing Company Limited England, 1989. *The Study of Global Interdependence: Essays on the Transnationalisation of Worlds Affairs*. Nichols Publishing Company. N.Y., 1980.

“*Along the Domestic-Foreign Frontier: Exploring Governance in a Turbulent World*. Cambridge University Press, 1997.

SALLES, Teresa; REIS, Rossana Rocha. *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Jinbing Editores Associados, 1999.

SASSEN 5. *Guests and Aliens*, New York: The New Press, 1999.

SCHOLTE, Jan Art. *Civil Society and Democracy in Global Governance*. *Global Governance*. v. 8 p. 281-304. 2002.



SORENSEN, Georg. *Changes in Statehood: the Transformation of International Relations*. Basingstoke. New York: Palgrave, 2001.

WERNER, M. *On International Migration and International Relations*. *Population and Development Review*, 11(3):441-455. 1985.

“*Security, Stability and International Migration*. *International Security*, 17 (3): 91-126. (1992/1993).

“*Bad Neighbors, Bad Neighborhoods. An Inquiry Into the Causes of the Refugees Flows*. *International Security*, 21(1):5-42, 1996.

WHITMAN, J. *Global Governance as the Friendly Face of Unaccountable Power*. *Security Dialogue*. v. 33, n. 1. March, 2002.